



**“POR UMA
IGREJA SINODAL:
COMUNHÃO,
PARTICIPAÇÃO
E MISSÃO”**



**Sínodo
2021
2023**

**SÍNTESE DA ETAPA DIOCESANA
DIOCESE DE MONTENEGRO**

Introdução

Na Diocese de Montenegro o processo sinodal iniciou com acolhida desta proposta do Papa Francisco de envolver toda a Igreja neste Caminho Sinodal. Por isso, o primeiro passo foi esclarecer o nosso povo, e isso foi feito em reuniões e pelos meios de comunicação. A questão fundamental foi explicar o que significa sínodo e sinodalidade, e como todos são convidados a participar. A primeira reunião presencial com todas as lideranças, em que trabalhamos o processo do Caminho Sinodal, foi a Assembleia Diocesana de Pastoral, no dia 22 de outubro de 2021. Já no Conselho Diocesano de Pastoral do dia 23 de março de 2022, decidimos com que metodologia iríamos percorrer esse processo. Recordamos às nossas lideranças que a organização de nossas comunidades, as coordenações, os conselhos, as reuniões, as assembleias de pastoral já são experiências concretas de sinodalidade. Neste contexto, destacamos que a decisão da Diocese de Montenegro de realizar a construção paroquial de Planos de Pastoral, inspirados nas Diretrizes da Ação Evangelizadora e nas Diretrizes Diocesana, era também uma experiência de Caminho Sinodal. Na construção de cada Plano Paroquial, procurou-se envolver todas as lideranças locais, num processo de escuta das necessidades que exigiam uma resposta pastoral.

Uma vez escolhido o caminho metodológico, procurou-se mobilizar as paróquias, as pastorais, os setores e os movimentos para participarem do caminho sinodal, respondendo o questionário proposto, de forma virtual, manual ou mesmo no formato presencial, em grupo. Houve experiência de escuta fora do âmbito paroquial, destacando a escuta em escolas e também de irmãos de outras confissões cristãs, que partilham o caminho ecumênico.

As questões propostas foram as seguintes: idade; cidade onde reside; se é católico ou não; quais sacramentos recebidos; se participa de algum grupo em sua paróquia; das atividades que acontecem na Igreja Católica de sua comunidade (missas, festas, retiros, encontros...), qual o nível participação; quais são aspectos fortes e positivos da Igreja Católica; o que precisa ser revisto e melhorado na vida da Igreja; e se tem alguma sugestão para que a Igreja possa estar mais próxima da realidade das pessoas. Para alguns grupos específicos, como de outras denominações religiosas, o clero, os seminaristas maiores, os religiosos e religiosas, as questões foram diferentes, respeitando a possibilidade de contribuição desses.

A escuta aconteceu em cada paróquia, nos setores, pastorais e movimentos da diocese, que receberão um link e/ou QR com o questionário. O questionário também poderia ser impresso e distribuído para preenchimento. O importante foi utilizar a criatividade para promover a mais ampla participação das pessoas. Finalizado o período da consulta, a coordenação pastoral de cada paróquia e a coordenação de cada setor, pastoral ou movimento promoveu uma reunião para, num clima de oração, escutar as respostas e fazer um resumo local das repostas. Esse foi enviado para o colegiado de pastoral diocesano, que elaborou o texto final a ser enviado para a CNBB. Antes disso, foi apresentado em reunião do conselho diocesano de pastoral e tornado público a toda a diocese.

Segundo estimativa do IBGE para o ano de 2021, a Diocese de Montenegro tem uma população total de 406.627 habitantes. Apesar do envolvimento de todas as paróquias da diocese, assim como setores, pastorais e movimentos, menos de 1% da população

participou diretamente do processo sinodal, respondendo o questionário proposto. Foram em torno de 4.000 respostas. Percebeu-se, então, ao longo do processo, a importância da escuta, mas foi avaliado que precisamos aperfeiçoar a abordagem. A síntese da escuta apresenta os seguintes pontos: 1) Discorre-se sobre a questão fundamental dividida em três subitens: a) quais são aspectos fortes e positivos da Igreja Católica; b) o que precisa ser revisto e melhorado na vida da Igreja; c) se tem alguma sugestão para que a Igreja possa estar mais próxima da realidade das pessoas. 2) Expõe-se sobre os diferentes horizontes temáticos respondidos por grupos específicos.

Síntese da Escuta

1) Questão Fundamental

Uma Igreja sinodal, ao anunciar o Evangelho, “caminha em conjunto”. Como é que este “caminho em conjunto” está a acontecer hoje na vossa Igreja local?

O caminhar em conjunto está acontecendo na Igreja local através da participação dos leigos, sendo uma Igreja que busca modernizar a forma de manter os fiéis presentes, através da vivência dos Sacramentos e participação de pastorais, pois é uma Igreja em saída, que busca no Evangelho o sentido de ser Povo de Deus. Está sempre aberta ao diálogo, para acolher as pessoas. Caminha em conjunto pois está empenhada na Evangelização, sendo possível verificar um trabalho direcionado para evangelizar as crianças, com propostas claras para a catequese, que favorece a formação de jovens líderes, ajudando-os a crescer na fé e fazendo que eles se sintam Igreja. Através de comunidades acolhedoras, em que todos os fiéis encontram seu espaço e possam viver sua vocação. O envolvimento dos fiéis tem gerado o sentimento de pertença, unidade e participação. Também o cuidado e o zelo com a família, valorizando-a como lugar seguro e importante para a vivência da fé. Caminhamos em conjunto quando trabalhamos pela unidade, coerência, caridade, o testemunho e história da região e da Igreja local. Quando a Igreja luta pela dignidade da pessoa humana, pela justiça, pela paz, pela solidariedade e ensinando a fé. Quando apoiamos o Papa Francisco em uma Igreja sinal de comunhão, através da formação, da oração, da música e atividades culturais. Quando buscamos a santidade a exemplo de tantos santos, da Palavra de Deus, do trabalho missionário, do querigma, partilhando o dízimo, sendo perseverantes, sem preconceito, transparente, lutando pela verdade. Caminhamos em conjunto quando somos Igreja de

Jesus Cristo, uma Igreja que possui estrutura e organização, com sua doutrina, magistério e tradição que lhes dão unidade em todo o mundo, caminhando sempre, através dos tempos e das realidades. Através da formação de sacerdotes mais próximos da comunidade, das pessoas, do meio em que vivem, fortalecendo um caráter de serem pastores e líderes. Quando possibilitamos diferentes formações na fé cristã e nos diferentes serviços à comunidade, trazendo a vivência à luz de Cristo, no acolhimento, na caridade, na fraternidade, na sacralidade e no amor ao próximo, na evangelização pela Palavra e pelo testemunho, construindo comunidades cristãs participativas, envolvidas com a sociedade e suas transformações. Caminhamos em conjunto quando percebemos a importância que a instituição tem perante a sociedade de contribuir com a vida em comunidade. Na vivência da Campanha da Fraternidade. A acolhida é vista como um fator que permite as pessoas a fazerem uma experiência não de imposição, mas de autonomia. Caminhar em conjunto é compreender que a Igreja não é somente um lugar físico, mas sim, povo vivo que age e trabalha pela evangelização. Evangelização que se dá através de retiros espirituais, movimentos e pastorais juvenis, na devoção aos Santos e Nossa Senhora, no trabalho das pastorais, nas visitas aos doentes, de celebrações bem-preparadas, que apontam para o valor da Liturgia. O valor da homilia, da música litúrgica, a beleza dos espaços de celebração. Caminhar em conjunto é valorizar o estudo, a formação, a catequese de Iniciação à Vida Cristã e a formação permanente. A crescente utilização dos meios de comunicação para a aproximação das pessoas, os momentos de confraternização, de festa, de auxílio zeloso e gratuito de pessoas que se dedicam às diversas tarefas na Igreja. A organização e celebração de novenas e datas solenes. Valorização da leitura orante da Palavra de Deus e estudo bíblico, formação de catequistas da Iniciação à Vida Cristã. Caminhar juntos é ser uma Igreja que valoriza as ações ecumênicas e a

liberdade de participação e de partilha, visita às famílias para preparação do batismo e cuidado dos idosos. O anúncio da Boa Nova, prezando pelo perdão e misericórdia. A Evangelização nas Redes Sociais.

Mesmo com tantos e belos gestos que demonstram como estamos caminhando juntos, ainda é necessário dar passos para crescermos. Os membros atuantes na Igreja querem que seja melhorado o envolvimento das pessoas na comunidade, que seja ampliado o número de membros ativos e atuantes; que os líderes leigos tenham consciência de que a causa é de Deus e não do padre; cultivar momentos de fraterna convivência; buscar formação contínua através das redes sociais; evitar sobrecarga pastoral nos movimentos; mais oportunidades para participar; ir mais ao encontro das pessoas, sendo uma Igreja mais acolhedora. É necessário dar passos no caminhar juntos incentivando a preparação das pessoas e coordenadores que assumirão alguma missão ou função na Igreja para que possam fazer um bom trabalho, em vista da Evangelização. É preciso ampliar a compreensão sobre os sinais dos tempos, percebendo o essencial da Evangelização, não se fechando em polarização. É indispensável melhorar a acolhida, principalmente dos pobres, negros, mulheres e LGBTQIA+. Para ampliar o caminhar em conjunto é necessária uma maior receptividade dos movimentos; maior participação das famílias e do povo; desenvolver o protagonismo dos leigos; é urgente aprofundar a relação liturgia e catequese para todas as pessoas que participam da comunidade a fim de que compreendam os ritos celebrados. Incentivar para que a Igreja esteja sempre em saída, envolvendo cada vez mais os próprios fiéis cristãos na Evangelização. A Igreja precisa tornar-se mais acolhedora, envolver mais as pessoas nas decisões (sinodalidade) a fim de que todos se sintam participantes da vida da Igreja. Estabelecer afeto com os excluídos e marginalizados pela sociedade; é necessária a conscientização de que a Igreja não

é um lugar físico, um prédio, que a Igreja é o povo vivo que age e trabalha pela evangelização. Para dar passos no caminhar em conjunto é necessário evitar divisões por ideologias que distorcem a verdade do Evangelho, gerando dúvidas e incoerências, partidarismo político, esquerdismo do clero, falta de envolvimento dos leigos, mais envolvimento com as comunidades, mais inclusão e participação, estímulo à juventude, visitas às famílias, comunhão aos enfermos, mais rigidez no tratamento de escândalos na Igreja, mais união, maior humildade e mais interação. Também é ressaltado que Cristo deve estar no centro, maior modernização, maior acompanhamento aos fiéis, ouvir mais, mais clareza nos ensinamentos. Para dar passos no caminhar juntos sugere-se que a Igreja deva ser menos conservadora, sendo mais aberta e livre de preconceitos, possibilitando o sacramento do matrimônio para padres e religiosas. Necessidade de Pastoral da Acolhida e da Esperança. Acolhida em todos os sentidos, sendo para acolher os fiéis antes e depois das Santas Missas, bem como acolher os migrantes em suas necessidades. Dar atenção especial às famílias enlutadas, especialmente, 7º dia e 30º dia quando das Santas Missas e, se possível, fazer visita/oração na residência se assim os familiares a permitirem. Há necessidade de encontrar alguma maneira das crianças/jovens se sentirem atraídas por Jesus Cristo e terem vontade própria de participar das Santas Missas, bem como haver interesse pela Catequese da Eucaristia e do Crisma, apesar do período sequencial. Sair das quatro paredes do templo e ir ao encontro dos mais necessitados. O trabalho de evangelização dos jovens; ser uma estrutura mais aberta, humana, compreensiva e acolhedora. Uso de uma linguagem mais clara e atual. Mais divulgação das atividades da igreja e convite para o povo participar. Revisão dos rituais da igreja para tornarem-se mais atrativos aos jovens. A liberdade para o casamento dos padres, cuidado maior com a saúde psíquica do clero. Ações para a defesa

da vida. Incentivar o pagamento do dízimo. Para muitos membros atuantes na comunidade dar passos no caminhar juntos significa que seja melhorado o envolvimento das pessoas na Igreja, que seja ampliado o número de membros ativos e atuantes. Recebe destaque a necessidade de melhor participação dos pais dos catequizandos e a perseverança dos jovens depois da crisma. Há quase um clamor: não deixem os jovens sair da Igreja, é preciso trazer os jovens para a Igreja! Chama-nos a atenção que não aparecem indicações de como fazer esse engajamento acontecer. Há um pedido para que haja mais unidade interna entre as paróquias da Diocese: que as coisas essenciais sejam válidas em todas as paróquias. Sugere-se que a Missa não seja demorada (45min de duração máxima), que os ritos litúrgicos sejam atualizados, que o celibato presbiteral seja revisto para termos mais padres, que se reveja também a situação de casais que estão em segunda união. Alguns sugerem que o padre volte a dar catequese ou que ao menos uma das catequese no mês seja dada pelo padre. Pede-se que o padre visite mais as pessoas da comunidade, os doentes, tenha contato mais direto com o povo da paróquia. Muitos percebem que na Igreja se valoriza muito o aspecto financeiro e administrativo, esquecendo da evangelização. Alguns falam que a Igreja é uma instituição com muito dinheiro. A temática de gênero (homossexualidade, LGBT) é forte, pedindo que a Igreja reveja sua postura que é entendida, por muitos, como preconceituosa e excludente. Evangelizar as pessoas para um verdadeiro sentido do dízimo, havendo uma maior transparência na prestação de contas. Apoio aos que estão à frente: mais ações e menos críticas. Dar continuidade às pastorais e movimentos existentes na paróquia e criar outros, conforme a necessidade. Quanto ao processo da Iniciação à Vida Cristã, surgiu a proposta de mais tempo de catequese. Outros por sua vez, reclamam da vida sacramental, dos ritos e do tempo como também da necessidade de ser crismado para ser padrinho de

batismo. Pede-se uma maior coerência na pregação dos padres. Permitir ordenação de mulheres. É necessário dar passos para que tenhamos um clero menos autoritário e mais humano. Ter espaços adequados para a melhor realização das atividades de Iniciação a Vida Cristã. Para que a Igreja possa dar passos no caminhar em conjunto é necessário incentivar a missão. O Papa Francisco já nos pede que sejamos uma igreja a caminho, precisamos ir de encontro de quem mais precisa, ser uma igreja mais acolhedora, pois ainda tem muitos preconceitos. Acompanhar as famílias de segunda união, fazendo com que elas possam se sentir acolhidas e recebam a comunhão. Incentivar o Diálogo Inter-religioso e Ecumênico. Buscar sempre mais a participação daqueles que se afastaram da vida de comunidade. Melhorar a comunicação da Igreja com a sociedade civil, através da melhor utilização das mídias sociais. Não permitir que sejam vendidas bebidas alcoólicas em festas de Igreja. Apoiar sempre mais os movimentos, especialmente aqueles que se dedicam à evangelização das crianças e jovens, que são a porta de entrada para a cultura e o cultivo da fé. Buscar meios de tornar a missa mais “atrativa”, especialmente na questão dos cantos, pois com as recentes orientações litúrgicas foram “suprimidos” momentos de partilha e conagração, como o Pai Nosso de mãos dadas e o Abraço da Paz. Evitar que os padres se tornem apenas gestores de patrimônio e de estruturas, e se preocupem mais com a espiritualidade e a vida de fé do seu povo. Destacam-se desafios sobre temas que devem ser mais debatidos: sobre a condenação ao aborto e sobre o celibato no contexto atual, revisto a tolerância às pessoas que tem orientação sexual diferente dos padrões da igreja. Assim, necessita ser refletido “o lugar que se coloca Deus na existência das pessoas. Tantos dogmas nos desanimam. Parece que tudo é pecado. Ele é próximo, está em nós e cada manifestação é uma forma D'ele se fazer presente”. Fazer que todas as ações pastorais tenham caráter ecumênico e

Inter-religioso. Ficar mais atenta aos medos das pessoas. Tratar com mais respeito as aflições espirituais de seu povo. Ouvir mais e julgar menos as escolhas das pessoas que estão vivendo uma crise de fé. Colocar Deus acima de todos os Santos. Ir até as outras religiões. Entender seus sagrados, dar mais espaço nas celebrações católicas a outros membros de outras religiões não cristãs.

Para caminhar em conjunto é importante estar mais próximo da realidade das pessoas, para que isso ocorra sugere-se: eventos públicos para a evangelização, incentivar grupos já existentes para irem ao encontro das pessoas em bairros e pela cidade; buscar mais formas de apoio às famílias, incluindo visitas às residências, especialmente as mais carentes; nessas ações de saída, estar disposto a ouvir a quem precisa, aproximando-se da realidade do outro; maior receptividade a quem busca a Igreja nas suas variadas formas e estar aberto à diversidade das pessoas; promover visitas de acolhidas a doentes; maiores ações sociais e de caridade e engajar mais os padres nas ações missionárias. Mais missas, celebrações e encontros voltados à maior participação de crianças e jovens; engajar jovens nas ações da Igreja e fomentar o protagonismo juvenil e suas formas de vivenciar a Igreja; e promover encontros e retiros focados nas juventudes e o que lhe é comum, encontros e formações para fiéis já evangelizados para aprofundar a vivência cristã adaptada a nosso tempo; investir mais em ações pastorais de acolhida; maior aproximação das Sagradas Escrituras através de encontros e formações; estar aberto à escuta em qualquer ministério; desenvolver homilias mais simples e conectadas com a realidade das pessoas. Fica evidente entre o povo que não querem mais uma Igreja distante, de gabinete, mas sim colocando em prática o desejo do Papa Francisco, uma “Igreja em saída”. Esta Igreja, nota-se, está resumida muito na figura do padre, como referencial de missão e busca dos afastados. Uma Igreja plenamente humanizada, que

olha e procura envolver-se com as realidades concretas dos fiéis. Horários e lugares das Missas também são apontados como possíveis de mudança, para melhor adaptação à realidade. Capacitar lideranças. Campanhas de solidariedade e valorizar a Igreja nas casas.

2) Companheiros de viagem

Na nossa Igreja local, quem são aqueles que “caminham juntos”? Quem são aqueles que parecem mais afastados? De que forma somos chamados a crescer como companheiros? Que grupos ou indivíduos são deixados à margem?

Os que caminham juntos são as lideranças de comunidades, agentes de pastoral, setores e movimentos, sacerdotes, religiosos(as), ministérios, ministros, catequistas, voluntários e colaboradores. Caminham juntos os que são iniciados na comunidade, os que são incentivados. Os que parecem mais afastados são aqueles que estão mais na faixa etária de trabalho/estudo, os das regiões mais periféricas e pobres da paróquia, os que só procuram a Igreja em vista dos sacramentos e/ou nas missas de falecidos e nas grandes celebrações como natal e páscoa. Os mais afastados são os excluídos, pobres, negros, os mais ricos, católicos eventuais, os que têm vínculo somente associativo, aqueles que não tem formação ou caminham conforme seus próprios interesses. Também muitos que por terem sido excluídos ou por preconceitos não se sentem Igreja. Somos chamados a crescer como companheiros indo ao encontro, acolhendo bem, criando estratégias de diálogo/escuta, envolvendo em alguma atividade, oferecendo formação, respeitando as diferenças, superando preconceitos.

3) Ouvindo

Como é que Deus nos fala através de vozes que por vezes ignoramos? Como ouvir os leigos, de modo especial as mulheres e os jovens? O que facilita ou inibe a nossa escuta? Como ouvimos os que se encontram nas periferias? Como se integra a contribuição dos consagrados e das consagradas? Quais são alguns dos nossos limites na nossa capacidade de escutar, especialmente aqueles que têm opiniões diferentes das nossas? Que espaço existe para a voz das minorias, especialmente das pessoas que experimentam a pobreza, a marginalização ou a exclusão social?

Deus nos fala através de vozes que por vezes ignoramos, através de gestos concretos que nos surpreendem como: acolhida, solidariedade, abertura ao diferente, quando nos permitimos, pela ação do Espírito Santo, interpelar e aprender com tais exemplos, quando se consegue ir além das aparências, quando, em alguma situação, somos ajudados generosamente. Deus nos fala quando ouvimos os leigos, de modo especial as mulheres e os jovens, superando o clericalismo e preconceitos, dispondo-se a ouvir, reconhecendo suas capacidades e confiando, com abertura à maneira de ser das novas gerações. O que facilita a nossa escuta é ter menos preconceitos/julgamentos, dispor-se na gratuidade. O que inibe a nossa escuta são os muitos compromissos, falta de formação adequada e o medo. Ouvimos muito pouco os que se encontram nas periferias. As vezes que ouvimos são por ocasião de visitas nas famílias ou quando procuram a igreja para pedir algo. Ouvimos também com a intenção de oferecer um alento, e, por vezes, para um momento de atenção e logo se livrar das pessoas. A contribuição dos consagrados(as) se integra na participação ativa nos vários grupos e pastorais, na vivência do próprio carisma na paróquia, instituição e sociedade, na escuta e diálogo, solidariedade e comunhão, no testemunho, na partilha espiritual e material e na oração. Os limites da nossa escuta são:

o preconceito, não acolhida do diferente, o tempo, falta de empatia e abertura e formação apropriada. Os espaços que existem para a voz das minorias são: a Pastoral da Criança, Cáritas, Pastoral da Escuta, conselhos municipais, Pastoral Carcerária, grupos de jovens, Pastoral Vocacional, Setor Juventude. Vale também destacar que ouvimos aqueles que têm opiniões diferentes da nossa quando criamos ferramentas digitais de escuta e participação, quando nos dispomos a ouvir. Infelizmente existem vozes que não são ouvidas, principalmente dos que são e pensam diferente. É importante estar abertos aos sinais dos tempos e para isso é necessário a constante escuta. Podemos ouvir melhor ao criar um ambiente de partilha sincera e responsável. Proporcionando oportunidades, através das assembleias, conselhos e coordenações, com diálogo e sinceridade. A sintonia com os jovens é fundamental indo a espaços como escolas.

4) Falando

O que facilita ou dificulta que se fale com coragem, franqueza e responsabilidade na nossa Igreja local e na sociedade? Quando e como é que conseguimos dizer o que é importante para nós? Como funciona a relação com os meios de comunicação locais (não só com os meios de comunicação católicos)? Quem fala em nome da comunidade cristã e como são escolhidas essas pessoas?

O que facilita a fala é a acolhida do diferente, a abertura para o diálogo, o não ser julgado, valorizar a opinião alheia, não se impor, falar com respeito e educação, capacidade de escuta e discernimento. O que dificulta é o medo de se expor e/ou se comprometer, faltando coragem e ousadia. Conseguimos dizer o que é importante para nós no diálogo com o bispo, padres e leigos em geral. A relação com os meios de comunicação é bem acessível,

sobretudo para os sacerdotes, os quais costumam incluir os leigos e religiosas nas oportunidades que dispõem. Em geral, quem fala em nome da comunidade cristã é o bispo e/ou o Pastor, ou alguém indicado por eles; como são escolhidas muitas vezes pela aparência ou amizade, percebemos o quanto devemos evoluir ainda na valorização de todos. Conseguimos dizer o que é importante para nós, na nossa Diocese e na sociedade nas celebrações e nos meios de comunicação. Através de conselhos diocesanos que poderiam ser a ligação entre sociedade e clero e sociedade e Igreja. Nos encontros e assembleias de pastoral. Conseguimos dizer o que é importante quando no grupo e na Igreja estão pessoas que têm ideias e pensamentos semelhantes ou somente quando são úteis. Porém, existe dificuldade de aproveitar as oportunidades e muitas vezes a Igreja é fechada ao diálogo. Quando falamos, falar com qualidade e saber escutar o retorno. Alguns sentem receio em questionar com medo de serem criticados. Outros afirmam que ainda somos ouvidos, ou pelo menos são abertos espaços que devemos ocupar para sermos ouvidos. Conseguimos dizer o que é importante em palestras em escolas, em bênçãos e lugares reservados para nós. Nos encontros, assembleias e nas celebrações. É necessário ser presença junto ao povo e a sociedade, abrindo espaço para a participação.

5) Celebração

Como é que a oração e as celebrações litúrgicas inspiram e guiam realmente a vida e missão comuns na nossa comunidade? Como é que inspiram as nossas decisões mais importantes? Como promovemos a participação ativa de todos os fiéis na liturgia? Que espaço damos à participação nos ministérios de Leitor e de Acólito?

A oração e as celebrações litúrgicas inspiram e guiam realmente a vida e missão comuns na nossa comunidade a partir da formação oferecida, homilias bem-preparadas, encontros celebrativos, testemunhos, vivências, partilhas espirituais e materiais, gestos concretos. Nos inspiram pela escuta da Palavra, pela motivação comunitária. Acima de tudo pela ação da graça que age na comunidade que celebra, por liturgias bem animadas. É necessário o cuidado para não relativizar as celebrações, principalmente as diocesanas, correndo o risco de desmotivar as lideranças. A liturgia inspira as nossas decisões mais importantes com a interpelação, a partir da escuta da Palavra, inspirando o agir missionário, fortalecendo a fé, mas deve-se estar atento para não só louvar com os lábios, estando a mente e o coração distantes do mistério celebrado. O cuidado para que a celebração dominical não seja só para cumprir o preceito. Promovemos a participação ativa de todos os fiéis na liturgia oferecendo formação, envolvendo e confiando tarefas/serviços, conforme a realidade e capacidade de cada um(a), evitando ritualismo e pouca vida nas celebrações. Conscientizando as pessoas de que a liturgia é fonte e ápice da vida cristã. Na liturgia damos espaço à participação nos ministérios de leitor através das equipes de liturgia, mas de acólito, não conhecemos; há falha de criar espaços para as crianças e adolescentes. Nossas celebrações inspiram e guiam nossas ações no modo que celebramos, pois a liturgia é uma viabilização da Igreja. Através da beleza, da música, da pregação da Palavra e da própria Eucaristia que alimentam a nós e nosso

povo. Quando são orantes e fazem o povo rezar a partir da palavra. A celebração inspira quando a assembleia é conduzida para uma caminhada como Igreja. Por isso, a boa preparação e vivência das celebrações nos converte e anima.

6) Compartilhar a nossa responsabilidade para a missão comum

Uma vez que somos todos discípulos missionários, como é que cada batizado é chamado a participar na missão da Igreja? O que impede os batizados de serem ativos na missão? Que áreas da missão estamos a negligenciar? Como é que a comunidade apoia os seus membros que servem a sociedade de várias formas (envolvimento social e político, investigação científica, educação, promoção da justiça social, proteção dos direitos humanos, cuidados com o ambiente, etc.)? Como é que a Igreja ajuda estes membros a viverem o seu serviço à sociedade de forma missionária? Como e por quem é feito o discernimento sobre as escolhas missionárias?

Cada batizado é chamado a participar na missão da Igreja escutando a Palavra, envolvendo-se na comunidade (movimentos, pastorais, ministérios), buscando formação, na comunhão, vivência dos sacramentos, na caridade. O que impede os batizados de serem ativos na missão é a dificuldade de viverem uma profunda experiência com Deus, não quererem se comprometer. A comunidade apoia o envolvimento de seus membros com a sociedade através do acolhimento sem preconceitos, da iniciação cristã e sendo uma Igreja em saída. A Igreja ajuda seus membros a viverem o seu serviço à sociedade de forma missionária incentivando/apoiando e oferecendo formação, participando em algumas atividades (manifestações em defesa da vida e dos direitos humanos, como também do meio ambiente...). Através também da escuta da Palavra, da Eucaristia. É necessária uma boa

acolhida por parte do clero e da comunidade, sem distinções de pessoas, para isso a diversidade de grupos e jeitos de se viver a fé auxilia na vida da Igreja Católica. A Iniciação à Vida Cristã é uma forma de diálogo e acolhia com a sociedade. A sociedade muitas vezes não está disposta ao diálogo, argumentando que não precisa de uma instituição para celebrar e viver a fé, não há abertura para a revelação da fé e nem Deus é visto como parceiro do ser humano, favorecendo uma visão mais mágica do Sagrado. O serviço à caridade é uma porta de acesso ao diálogo e deve ser um dos fundamentos da vida em comunidade. As comunidades e famílias tradicionais favorecem a vida da comunidade, bem como pessoas que se dispõem a ajudar. Algumas dificuldades são as estruturas burocráticas e o espírito associativo em muitas comunidades.

7) Diálogo na Igreja, na sociedade

Até que ponto as diferentes pessoas da nossa comunidade se reúnem para o diálogo? Quais os lugares e os meios de diálogo no seio da nossa Igreja local? Como promovemos a colaboração com dioceses vizinhas, comunidades religiosas da nossa área, associações e movimentos laicais, etc.? Como abordamos as divergências de visão ou os conflitos e dificuldades? Quais as questões particulares na Igreja e na sociedade a que temos de prestar mais atenção? Que experiências de diálogo e colaboração temos com crentes de outras religiões e com as pessoas que não têm filiação religiosa? Como é que a Igreja dialoga e aprende com outros sectores da sociedade: as esferas da política, da economia, da cultura, da sociedade civil e das pessoas que vivem na pobreza?

Poucas vezes as diferentes pessoas da nossa comunidade se reúnem para o diálogo até com receio sobre o que se dialoga.

Não ter objetivos claros é uma dificuldade, dever-se-ia pensar ações para aqueles que já estão na Igreja Católica e para aqueles que não pertencem à comunidade. Os lugares e os meios de diálogo são as reuniões de grupos, os meios de comunicação, redes sociais. O desafio é promover encontros com os mais diversos setores da sociedade e avaliar periodicamente o processo realizado. Além da necessidade de sermos ousados pastoralmente, não só focar no aspecto econômico e na ganância pelo poder. Deve-se evitar polarizações, espírito de divisão, unilateralidade, a intransigência que dificulta o diálogo da Igreja com questões sensíveis da sociedade como por exemplo a política. Deve-se buscar uma eclesiologia de comunhão na prática, respeitando opiniões contrárias. As questões particulares na Igreja e na sociedade que temos de prestar mais atenção são: juventudes, LGBTQUIA+, clericalismo, defesa dos direitos humanos, migrantes. Existem experiências de diálogo como campanhas humanitárias, celebrações ecumênicas, formação conjunta, incentivo à cultura, participação em eventos, orientação, presença em escolas, presídios. A Igreja dialoga e aprende com outros setores da sociedade, participando de eventos sociais, pelas redes sociais, buscando informações seguras, visitando as famílias e bairros/comunidades, incentivando grupos culturais, escutando, acolhendo a todos e todas, superando preconceitos, num esforço de acolhida e valorização das diferenças. Mas percebemos uma distância muito grande entre o setor público e a Igreja, vivemos isolados. Algumas dificuldades são a crise das grandes instituições, movimentos fechados em si mesmos, a hipocrisia, o que faz da Igreja um mundo à parte. Deve-se aprender a dialogar com os simples e menos favorecidos e que no cotidiano buscam imitar a Jesus Cristo. Estes transformam o mundo. Favorece quando surgem lutas organizadas em favor do bem comum, de forma especial da juventude. Sugere-se uma linguagem acessível, direta, profunda e convincente. Estamos muito estruturados num

modo de ser Igreja tradicional, isso tira nossa liberdade. E nos falta proximidade com a dor, o sofrimento e a pobreza. O clero é convidado a estar mais aberto ao diálogo, promovendo uma aproximação maior com a sociedade.

8) Ecumenismo

Que relações tem a nossa comunidade eclesial com membros de outras tradições e confissões cristãs? O que partilhamos e como caminhamos juntos? Que frutos colhemos do nosso caminho em conjunto? Quais as dificuldades? Como podemos dar o próximo passo para caminhar uns com os outros?

Sobre o ecumenismo escutamos membro de outras denominações religiosas que relataram que consideram padres e religiosos com menos resistência e abertos ao diálogo. Em compensação existem grupos de leigos que são mais intolerantes. Destacou-se que a Igreja Católica Apostólica Romana, ICAR, é membro do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC e do Conselho Nacional de Ensino Religioso – CONER e realiza a cada 5 anos, a Campanha da Fraternidade Ecumênica (desde o ano 2000). Quanto à sua relação junto a outras denominações religiosas, as respostas divergiram: “Não vejo uma caminhada na Igreja Católica. Enquanto o mundo está se desconstruindo e as pessoas se transformando, a Igreja Católica retrocede como muitas outras vertentes que continuam presas em seus dogmas de 200 anos atrás”; “Resta ainda tanto conservadora, mas com tentativas de abertura de diálogo”. Sobre esta caminhada de mudança e aproximação foi considerado: “Minha percepção da Igreja Católica era muito pautada na história de apagamento e apropriação de outras tradições religiosas. Minha experiência com o catolicismo no âmbito familiar também se relaciona mais com o conservadorismo e com a descredibilização de outras culturas. No entanto, meu contato mais recente com jovens

cristãos me mostrou um outro lado da Igreja Católica, que é mais aberto e inclusivo, o que vem mudando minha percepção da Igreja e me dando outra perspectiva dos ensinamentos de Jesus”; “Pelas notícias ficamos sabendo que existe essa realidade – de diálogo - pelo Brasil. Mas, por aqui, o máximo que vemos é uma celebração entre católicos e luteranos na época do Natal organizado pela prefeitura. Não sei de momentos em que a igreja católica vai ao encontro de religiões não cristãs como agora para participarmos deste sínodo”. Entre os católicos que responderam essa questão as percepções foram de que existe uma relação de acolhida, abertura, colaboração e contribuição; mas também percebemos uma Igreja muito fechada ainda com as outras religiões. Existe diálogo sempre que possível e necessário. Alguns afirmam não ser importante e basta não criar conflito. Outros que o problema são os líderes religiosos. Outros ainda especificam dizendo que com algumas denominações religiosas temos mais facilidade de diálogo do que com outras. Partilhamos em comum a Palavra, ações sociais integradas, formação e celebrações. Os frutos são de alegria, comunhão, caridade, ajuda fraterna e crescimento pessoal e comunitário. Existe uma abertura, na simplicidade e coragem de Jesus, para que possa nos inspirar, que somos todos iguais.

9) Autoridade e participação

Como é que a nossa comunidade eclesial identifica os objetivos a prosseguir, a forma de os alcançar e os passos a dar? Como é exercida a autoridade ou a governação no seio da nossa Igreja local? Como pomos em prática o trabalho de equipa e a corresponsabilidade? Como e por quem são orientadas as avaliações? Como se tem promovido os ministérios laicais e a responsabilidade dos leigos? Tivemos experiências frutuosas de sinodalidade a nível local? Como funcionam os órgãos sinodais a nível da Igreja local

(Conselhos Pastorais nas paróquias e dioceses, Conselho Presbiteral, etc.)? Como podemos promover uma abordagem mais sinodal na nossa participação e liderança?

A comunidade eclesial identifica o processo pastoral que está sendo realizado através das orientações da Igreja, do plano de pastoral, dos documentos eclesiais, das realidades sociais, dos apelos do Papa e da CNBB. Quanto ao exercício da autoridade, ele acontece na comunhão, participação, alegria, abertura, escuta e ajuda mútua. O trabalho em equipe e a corresponsabilidade acontecem na ajuda mútua, delegando e confiando, valorizando as pessoas e seu tempo, planejando e avaliando. As avaliações são orientadas pelos coordenadores dos grupos, auxiliados pelo sacerdote. Acontecem pela escuta de todos. Se tem promovido os ministérios laicais e a responsabilidade dos leigos convidando, oferecendo formação, envolvendo em ações, dando espaço, acolhendo. Sugere-se que precisamos ir ao encontro daqueles que não participam efetivamente, fugindo do “sempre os mesmos” e daqueles que falam o que queremos ouvir. Sugere-se dar oportunidade aos jovens, seja na paróquia, clero ou diocese, também uma constante formação para os leigos, mostrando o funcionamento da pastoral da igreja e administração. Sim, tivemos experiências frutuosas a nível sinodal como ações integradas, em vista dos mais pobres, envolvendo outras Igrejas e pessoas da sociedade, assim como os grupos e movimentos da paróquia, ações de conscientização/orientação, em vista dos direitos humanos e meio ambiente, participação e contribuição com os meios de comunicação e com o poder público etc. Os conselhos a nível paroquial e diocesano funcionam com reuniões, reflexões, escuta dos vários grupos e movimentos, assinalando realidades e propondo atividades possíveis e avaliando. Está dentro do que é solicitado estando bem institucionalizados e bem constituídos. Eles ajudam a manter a igreja que somos e temos. Podemos promover uma abordagem mais sinodal na nossa

participação e liderança, conhecendo mais as realidades sociais locais e os documentos de orientação e reflexão da própria Igreja, inclusive o Plano de Pastoral. Sugere-se evitar o jogo de interesses pessoais, delegando mais as funções. Evitar que as decisões se concentrem no padre. Incentivar a criação de conselhos nas comunidades onde não esteja funcionando ou cumprindo sua função. Proporcionar formação sobre os processos pastorais. Acaba sendo um campo de missão. Relata-se uma dificuldade de integrar pessoas para os conselhos da Igreja e também formá-las não só para o administrativo, mas também para o pastoral. Organizar os conselhos proporciona uma maior integração, partilha e transparência entre os diversos setores e pastorais da comunidade. Outro desafio é preparar bem as reuniões e encontros para dispor de tempo e atenção de escuta.

10) Discernir e decidir

Que métodos e processos utilizamos na tomada de decisões? Como podem ser melhorados? Como é que promovemos a participação na tomada de decisões no seio de estruturas hierárquicas? Os nossos métodos de tomada de decisões ajudam-nos a escutar todo o Povo de Deus? Qual a relação entre consulta e tomada de decisões? E como colocamos em prática? Que instrumentos e procedimentos utilizamos para promover a transparência e a responsabilidade? Como podemos crescer no discernimento espiritual comunitário?

Os métodos são da escuta, reuniões e reflexões a partir da Palavra, além de assembleias pastorais, reuniões de conselhos administrativos e pastorais. Promovemos a participação, fazendo chegar a mais pessoas e setores da sociedade o que se vive na Igreja. Promovemos a participação divulgando e informando as etapas de um determinado plano de ação, sendo objetivos, mas aberto. Para isso é necessário formar as pessoas e capacitar para

serem líderes a exemplo de Jesus para terem clareza e boa vontade ao longo dos processos. Sugere-se que quem decide também possa assumir as responsabilidades propostas escutando e dialogando com a sociedade. Percebe-se pouca participação dos religiosos(as) e leigos(as) nas tomadas de decisões, falta o diálogo e humildade. É preciso organizar e distribuir responsabilidades, confiando mais nos leigos evitando que muitas decisões venham prontas e sem diálogo. Critica-se alguns padres que não trabalham em conjunto, que criam projetos próprios e não participam dos processos para caminhar em conjunto com a Igreja, que não escutam as lideranças locais e diocesanas. Alguns padres que não fazem nada do que a diocese propõe e seguem a vida como se nada houvesse de errado, cansando aqueles que assumem funções diocesanas. A dificuldade maior está no acompanhamento dos processos e na avaliação. Não é fácil decidir e executar, mas é importante o diálogo e a formação das lideranças. Sugere-se uma maior exposição da realidade diocesana nas assembleias e encontros, sendo mais transparente nas questões econômicas, administrativas, na caridade e pastoral, havendo um diálogo aberto e sincero. Para isso, utilizar mais os conselhos, boletins informativos e outros meios de comunicação. Quando o processo é participativo, há maior probabilidade de adesão. Não esquecer da escuta da Palavra e do Espírito Santo. É importante lembrar que nem todos estão inicialmente dispostos a caminhar juntos. Mas é necessário convidar, acolher e iniciar a caminhada.

11) Formando-nos em sinodalidade

Como é que a nossa comunidade eclesial forma pessoas mais capazes de “caminharem juntas”, de se ouvirem umas às outras, de participarem na missão e de se empenharem no diálogo? Que formação é dada para fomentar o discernimento e o exercício da autoridade de forma sinodal?

Nossa comunidade eclesial orienta as pessoas a “caminharem juntas”, oferecendo formação de teologia, escolas da fé, liturgia, retiros, reflexões, envolvimento nas diversas atividades pastorais, reuniões e avaliações. Percebe-se que há um anseio de um trabalho em conjunto, com os(as) religiosos(as), seminaristas, clero, movimentos, pastorais, setores, enfim, todo povo de Deus e suas lideranças. Formamo-nos para “caminharmos juntos” a partir do testemunho, nos colocando mais ao lado das pessoas; elaborando subsídios de comunhão; promovendo formação paroquial, por área e diocesana para os leigos; promovendo encontrões, romarias e eventos diocesanos para motivar e animar os leigos. Sugere-se o estudo de documentos da Igreja, que tragam orientações sobre o diálogo. O desafio é colocar em prática através de assembleias abertas ao povo para reflexões, estudos e decisões de planejamento. É necessário ambientes de convívio que gerem diálogo, partilha e motivação. Importante também é estabelecer um diálogo com a sociedade para desacomodar aqueles que ainda vêm a Igreja. O desafio é não nos acomodar, e o sínodo se apresenta como uma oportunidade de escuta de nosso povo. Por isso, a necessidade de analisar as respostas e continuar apoiando a formação e buscando o senso de pertença eclesial. Sugere-se também abordar temas abrangentes, que envolvam toda a comunidade, tornando-os responsáveis pela caminhada da diocese. Ideias que aparecem são de criar alternativas de horários, formação on-line e quando nos encontrarmos, mais que conteúdo, convém ter mais atenção às experiências do encontro.

Conclusão

Em reunião do Conselho Diocesano de Pastoral foi apresentado, para apreciação, o texto conclusivo da fase diocesana do sínodo. Pedimos que os membros do Conselho respondessem a seguinte questão: o que o Espírito nos convida a fazer a partir de então? As respostas desse trabalho são descritas abaixo como conclusão desse processo diocesano do sínodo.

Igreja como ‘sal da terra e luz do mundo’. Diante de tantas proposições que escutamos nessa fase do sínodo, somos convidados a ser o fermento na massa, mas antes é preciso estar no mundo e acolher como a sociedade se apresenta para a Igreja. Não tem como ser sal, luz ou fermento se estivermos distantes das realidades vividas pelas pessoas comuns. Por isso, a necessidade de acolher o diferente, sem doutrinação, mas acolher na sua genuína realidade para então, se o outro permitir, poder indicar a luz que é Cristo.

Igreja que testemunha a comunhão. A partir da escuta sinodal, o Conselho Diocesano de Pastoral constatou que, a partir de agora, somos chamados a dar testemunho de unidade, seguir fazendo o que está dando certo, ser presença em todas as etapas da vida das pessoas, acompanhando a sua caminhada, tanto nos momentos felizes ou tristes, seja na vivência da fé, como nos momentos de crise e até de afastamento.

Igreja que caminha de forma sinodal e prepara os seus membros para que possam participar. O Espírito nos convida a olhar para a realidade local e envolver o maior número possível de pessoas na construção de um plano de pastoral que reflita a realidade e responda às necessidades vividas pelas pessoas. É importante escutar, dialogar com a comunidade para que se possa caminhar juntos, clero e leigos. Promover a formação de lideranças em teologia, atividades pastorais etc. A formação facilita o diálogo. Essa proposição se conclui com um

questionamento: como trabalhar com aqueles que não estão ligados diretamente à comunidade? Muitas vezes acabamos formando o mesmo grupo de pessoas.

Igreja decididamente missionária. O Espírito nos convida a assumirmos cada vez mais a dimensão missionária, através de várias frentes, sejam elas movimentos, pastorais ou atividades de visitação, ligadas diretamente ao prospecto missionário. Foi acentuado que se trabalhe para que a Igreja não se torne um grupo seletivo de ‘puros e imaculados’, que se isola e não se aproxima das realidades da humanidade.

Igreja que cultiva o espírito sinodal na sua caminhada. O Espírito nos convida a não encerrar o processo sinodal com o envio do resumo para a CNBB. Permanece um forte apelo para que as paróquias continuem se guiando pelo plano de pastoral e, em constante avaliação, para perceber se o plano responde às necessidades da realidade local.

Igreja que é interpelada sobre a evangelização da juventude. Ao longo do processo sinodal enfatizou-se a necessidade de voltar-se para o trabalho com a juventude e que as temáticas de discussão paroquiais possam estar alinhadas com a caminhada pastoral da Diocese.

Na conclusão, somos chamados pelo Espírito do Senhor a continuar numa saudável prática sinodal em todas as instâncias diocesanas. Isto significa valorizar os diversos conselhos, com sua efetividade no agir pastoral, bem como dar sentido eclesial para os planos paroquiais, em sintonia com as Diretrizes Diocesanas e as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil. Durante este processo do Caminho Sinodal conseguimos valorizar experiências sinodais já existentes e fomos interpelados para que esta experiência seja compartilhada por todos, bem como, a necessidade de uma maior formação, para que todos possam participar de forma ativa.



Sinodo
2021
2023

SÍNTESE DA ETAPA DIOCESANA

DIOCESE DE MONTENEGRO



DIOCESE DE
MONTENEGRO